

# “A gente ainda não tinha experiência”

Para Mendonça de Barros, só em agosto se viu que a situação estava piorando

Rodrigo Mesquita  
do Rio

A crise asiática revelou um lado positivo que foi o da aceleração das políticas de reestruturação da economia. “É muito mais fácil acelerar na direção em que vínhamos vindo do que mudar o sinal da direção”, diz o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros.

O fato de o país ter acordado já há algum tempo para os efeitos nocivos de um déficit elevado nas balanças comercial e de transações correntes e para a importância do ajuste fiscal pode encurtar, segundo ele, o tempo necessário para uma volta ao equilíbrio.

“Nós já estamos numa fase em que a discussão sobre a necessidade do ajuste está ultrapassada. Todo mundo está de acordo com ele. Nós estamos acelerando o que já existia. Em relação ao começo do ano, muito antes da taxa de juros e desse movimento de ajuste fiscal, as projeções da balança comercial já estavam caminhando para um dígito. Já ninguém falava em déficits da ordem de US\$ 15 bilhões” diz o secretário.

Na crise inaugurada com a derrocada do peso mexicano em dezembro de 1994 foi, para Mendonça de Barros, mais difícil, apesar de menor e mais localizada. O governo, na época, não enxergava com clareza o horizonte. “Em 1995, num certo sen-

tido, a situação do México foi muito menor e muito mais regionalizada do que é hoje. Em compensação a nossa dificuldade era muito maior. Em março de 1995 nós sequer estávamos sabendo que estava piorando dramaticamente a situação fiscal. Só a partir de agosto e setembro é que ficou claro que a situação fiscal estava piorando”, conta ele.

O déficit comercial, na época, começava o seu salto e ninguém, na equipe econômica o previa. “A velocidade com que o consumo de importações começou a crescer foi maior do que se podia antecipar. A

gente não tinha experiência no passado porque sempre tivemos uma economia fechada”, justifica.

O governo, explica ele, continua acreditando que um certo déficit nas contas externas é positivo para o País. “O déficit significa aporte de recursos que vem de fora e isso é razoável”. O que mudou na realidade são duas coisas. A primeira, diz Mendonça de Barros, está relacionada com o potencial da economia brasileira em absorver um crescimento insuspeitado das importações. “A velocidade de redução do superávit comercial e a sua transformação em um

déficit respeitável foi muito rápida e muito forte. Ninguém antecipava esse tipo de coisa”, conta.

O segundo ponto está diretamente ligado à crise asiática. “A segunda coisa veio de fora e aí, sem dúvida, os movimentos que começaram com a Ásia reduziram a tolerância com a qual o sistema está olhando o déficit”, explica. As duas razões conjugadas levaram o governo a tomar as medidas da semana passada. E a sua continuidade permite supor que o aperto, pelo menos do lado da balança comercial, pode ser mais demorado.